
O jogo dos tempos em Aparição, de Vergílio Ferreira
(*The movements of the time in Aparição, of Vergílio Ferreira*)

Camila Savegnago¹
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

Este trabalho tem como objeto de análise o romance *Aparição* (1959), do escritor português Vergílio Ferreira. Seu foco de análise recai sobre a questão do tempo, tanto com relação ao conteúdo quanto à organização da narrativa. Para realizar esse trabalho, partirei do pressuposto de que o texto se encaixa dentro da narrativa contemporânea e é também o inaugurador de uma nova fase da produção literária do escritor, relacionada ao Existencialismo e à reflexão acerca do próprio ato de criação literária.

Palavras-chave: tempo, narrativa, existencialismo.

Abstract

The object of analysis of this work is the novel *Aparição* (1959), of the portuguese writer Vergílio Ferreira. Its focus of analysis is about the question of the time, both with respect to content and the organization of the narrative. To develop this work is necessary to use, as a presupposition, the notion of text functioning in a contemporary narrative and also consider that it inaugurates a new phase of the writer's literary production, related whit Existentialism and reflection about the act of literary creation.

Keywords: time, narrative, existentialism.

1- Introdução

1.1 Escritor e obra

Vergílio Ferreira nasceu em 1916, na cidadezinha de Melo. Formou-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Coimbra, lecionando posteriormente em liceus de Faro, Évora e no Liceu Camões. Além do seu envolvimento com o ensino, Vergílio Ferreira dedicou-se à criação literária. Ele escreveu romances, contos e ensaios, entre eles: *Mudanças, Manha Submersa, Aparição, Cântico Final, Estrela Polar* (romances), *Apenas homens, A face sangrenta* (contos), *Da Fenomenologia a Sartre, Invocação ao meu corpo* (ensaios).

¹ Graduanda do oitavo semestre de Letras, orientada pela Profa. Dra. Raquel Trentin. E-mail: camilasavegnago@ yahoo.com.br.

No romance *Aparição*, o narrador-personagem Alberto Soares, professor de Letras, conta distanciado temporalmente dos fatos, o que aconteceu no período de um ano em que esteve em Évora. Esse período compreende a sua chegada na cidade para lecionar no Liceu; o seu envolvimento com a família do Dr. Moura, especialmente com suas filhas Sofia, Ana e Cristina; problemas de convivência e conflitos ideológicos decorrentes dessa aproximação. Ao final de um ano, Alberto muda-se para Faro, onde lecionará até se afastar do ensino e, por fim, regressar à casa do meio aldeão onde viveu sua infância. Será nesse casarão da aldeia que Alberto, já velho, escreverá sobre seu passado, refletindo sobre os fatos, da perspectiva de um narrador afastado temporalmente deles.

De modo geral, a leitura das obras de Vergílio Ferreira, segundo Lind (1986), permite classificar sua produção literária em duas fases distintas. Na primeira fase, o escritor encontra-se ligado à estética neo-realista portuguesa, desenvolvida principalmente na década de 40, tendo seus maiores representantes em Alves Redol e Fernando Namora. Esses textos apresentam um caráter de denúncia, evidenciando sérios problemas de ordem social, política em Portugal. Já na segunda fase de produção literária de Vergílio Ferreira, iniciada com *Aparição*, percebe-se o abandono das preocupações realistas e a predominância de questões filosóficas. Seus textos encontram-se impregnados por ideias existencialistas, especialmente de Sartre e Malraux, dos quais Vergílio Ferreira foi tradutor. Com isso, sua atenção se volta para o ser em si mesmo, para a busca de sua totalidade, procurando respostas para questões do tipo: Quem sou? O que eu sou? Qual a relação do ser com a vida e com a morte? Ainda nesse sentido, Lind afirma

[...] A primeira pessoa predomina na ficção do autor, logo depois de ele ter deixado atrás de si os primeiros anos da sua aprendizagem neo-realista. Esta preferência pelo Eu narrativo permite-lhe a sondagem de problemas filosóficos e mesmo em ambiente rurais e condiciona, por outro lado, a renúncia e descrições extensas do mundo exterior [...] (LIND, 1986)

A partir das concepções existencialistas, Vergílio Ferreira começa a construir sua ideia de tempo. Partindo do pressuposto de que não existe Deus, de que não existe, portanto, nem uma força criadora externa ao homem, nem uma vida após a morte, cada ser acaba sendo entendido como um todo em si e como um centro do qual as forças se irradiam, inclusive o tempo. Assim, o homem é o ser da ação e do poder. Considerando que o ser humano se constrói e age no presente, observa-se na obra de Vergílio Ferreira, que o instante presente/real é o único momento em que o homem pode alcançar a

comunhão do ser consigo mesmo, através de indagações em torno do seu eu. Mas para isso, é necessário que ao tempo presente estejam ligados tanto o passado quanto o futuro: o primeiro como memória, lembrança de ações constantemente revividas, e o segundo, como centro de expectativas. Assim, o momento da comunhão do ser consigo mesmo e o conseqüente entendimento da condição humana são alcançados por meio da fusão desses três tempos em breves e especiais instantes – de aparição.

A presença do narrador autodiegético em *Aparição* corrobora a ideia do ser como centro de si e, a partir do qual, são estabelecidas as relações com o mundo exterior. Os problemas de ordem existencial estão ligados ao desenvolvimento de um tempo interior, relativizado, não cronológico.

1.2 O tempo no romance contemporâneo

As mudanças ocorridas na contemporaneidade, provocadas principalmente pelas duas grandes guerras, bem como por inovações no âmbito científico, como a teoria de Einstein sobre a relatividade do tempo, levaram o homem moderno a assumir uma nova postura com relação a si mesmo e no modo como ele compreendia e se relacionava com a realidade externa. As novas concepções refletiram-se diretamente nas produções artísticas e, na Literatura, destacam-se principalmente a relativização do tempo e do espaço. Essas inovações são muito bem explicadas por Anatol Rosenfeld, em seu texto “Reflexões sobre o romance moderno”. Conforme o autor,

A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, “os relógios foram destruídos” [...] começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado e futuro [...] Com isso, espaço e tempo, formas relativas da nossa consciência, mas sempre manipuladas como se fossem absolutas, são por assim dizer denunciadas como relativas e subjetivas. (ROSENFELD, 1996)

Em *Aparição*, a relatividade do tempo é claramente percebida tanto na temática, quando são realizadas reflexões relativas à existência, vida, morte, quanto na construção da narrativa, em que o tempo da história e o tempo da narração se misturam ao longo de todo romance. Assim

O fundamento novo é que a arte moderna não o reconhece apenas tematicamente, através de uma alegoria pictórica ou a afirmação teórica de uma personagem de romance, mas através da assimilação dessa relatividade à própria estrutura da obra-de-arte. A visão de uma realidade mais profunda, mais real, do que a do senso comum é incorporada à forma total da obra. É só assim que essa visão se torna realmente válida em termos estéticos. (ROSENFELD, 1996)

Com isso, *Aparição* cumpre seu papel de narrativa contemporânea, tornando menos claras noções antes manipuladas como absolutas e incorporando-as à própria estrutura textual, além de acrescentar a isso, de modo recorrente, questionamentos de natureza filosófica sobre o assunto.

Outro ponto importante em *Aparição*, ainda ligado ao tempo e sua relativização, como já salientado, diz respeito à fusão entre passado, presente e futuro. Mostra-se também interessante observar na análise da narrativa como essa fusão temporal se liga com as concepções existenciais presentes nela. Nesse sentido, as considerações de Rosenfeld também podem ser esclarecedoras para a análise do romance de Vergílio Ferreira:

Sabemos que o homem não vive apenas “no” tempo, mas que *é* tempo, tempo não cronológico. A nossa consciência não passa por uma sucessão de momentos neutros, como o ponteiro de um relógio, cada momento contém todos os momentos anteriores. [...] Em cada instante, a nossa consciência é uma totalidade que engloba, como atualidade presente, o passado e, além disso, o futuro, como um horizonte de possibilidades e expectativas. (ROSENFELD, 1996)

2- O tempo em *Aparição*

2.1 A temática temporal

Em *Aparição*, a questão do tempo ganha realce tanto como conteúdo do romance quanto como elemento estruturador da narrativa. No que se refere ao plano temático, tem-se a problemática temporal abordada da perspectiva da filosofia existencialista. Desse modo, percebe-se constantemente a preocupação do sujeito perante a iminente chegada da morte e a finitude da vida. A morte aparece no texto em vários episódios, sendo representada de modos diversos, por exemplo, mediante a morte violenta (Sofia, cão Mondengo), a morte natural (mãe do narrador) e as mortes inesperadas, que são em maior número (Baiolote, Cristina, pai do narrador). Essa preocupação em encontrar explicações para a vida/morte leva o protagonista a expor aquilo que será sua busca incessante, enquanto sujeito existencial: entender o *absurdo da vida* e a *inverossimilhança da morte*.

Com relação ao tempo, nota-se outro ponto importante: a tentativa de compreensão da condição humana, que se dá por meio da busca pela comunhão do ser consigo

mesmo em instantes-limites de aparição. Segundo o próprio protagonista, aparição significa: “... o primeiro contato do homem consigo mesmo, a primeira indagação em torno do seu eu...” Além da própria aparição ou revelação do ser, o protagonista também pode provocar a revelação em outras personagens com as quais entra em contato na narrativa.

A palavra *aparición*, presente inclusive no título, é usada de modo recorrente no texto, a fim de acentuar a importância desse constante processo de buscas e descobertas. Para o narrador-personagem Alberto, essa aparição está diretamente ligada ao instante presente

[O] tempo não existe senão no instante em que estou. Que me é todo o passado senão o que posso ver nele do que me sinto, me sonho, me alegro ou me sucumbo? Que me é todo o futuro senão o agora que me projecto? O meu futuro é este instante desértico e apaziguado. Lembro-me da infância, do que me ofendeu ou sorriu: alguma coisa veio daí e sou eu ainda agora, ofendido ou risonho: a vida do homem é cada instante – eternidade onde tudo se reabsorve, que não cresce nem envelhece –, centro de irradiação para o sem-fim de outrora e de amanhã. O tempo não passa por mim: é de mim que ele parte, sou eu sendo, vibrando. (FERREIRA, 1980)

Nesse sentido, o instante presente constitui toda a realidade humana, a vida pulsante e intensa, nele o passado se reabsorve e é reinventado, numa constante necessidade de manter sempre vivos os momentos de aparição; enquanto o futuro só pode ser entendido no agora, apenas como projeção, uma vez que nele só existe a morte inevitável. Isso explica a insistência do narrador-protagonista em presentificar tanto o passado quanto o futuro. De acordo com Décio (1997), “o romance impõe o transcendente no processo de memória de Alberto ao tentar recuperar e dimensionar no presente o que foi o passado, e numa tentativa de perspectivar o futuro.”

Percebe-se também na narrativa a presença recorrente da representação do tempo de maneira cíclica. O maior desses ciclos corresponde à própria existência humana: nascimento-vivência-morte, tema de constantes reflexões por parte do narrador-protagonista Alberto. Outro ciclo é representado pelas estações do ano: Outono, Inverno, Primavera e Verão, que corresponde exatamente ao período de um ano que Alberto permaneceu em Évora. Esse período temporal definido aponta para o início e o fechamento de um momento importante na vida da personagem, onde fatos decorridos, questionamentos e angústias fizeram com que Alberto alcançasse instantes de revelação e caminhasse rumo a uma maior percepção da realidade humana. A importância desse ciclo é ressaltada no epílogo da narrativa, quando Alberto demonstra a necessidade de manter esse passado sempre vivo, como momento constitutivo do tempo presente. O

próprio ato de narrar o tempo passado representa uma tentativa de reviver e reinventar o vivido a partir de lembranças e expectativas. As estações do ano também são colocadas no texto como referentes para a localização dos acontecimentos importantes da história narrada, destacando-se a correspondência entre elas e as modificações no espaço que, por sua vez, são ligadas ao estado interior de Alberto.

2.2 O tempo na estrutura da narrativa

A narrativa é realizada em primeira pessoa por um narrador personagem, que se situa em dois tempos cronológicos distintos: passado e presente. Ao presente, corresponde o momento da escritura do texto, a partir do que Alberto recorda, sendo, portanto, esse o tempo da narração. Ao tempo passado, corresponde a ação da narrativa, sendo assim chamado tempo da história. Segundo Berrini,

O tempo da acção é aquele compreendido pelo espaço temporal em que o narrador permanece como professor do Liceu, em Évora. Há factos anteriores inseridos nesse tempo, seja no instante da escrita, quando o narrador os associa ao que está narrando, seja por terem sido trazidos à memória no momento em que os acontecimentos se deram, isto é, no próprio tempo da acção. (BERRINI, 1972)

O romance é constituído por uma espécie de prólogo e epílogo, ainda que não denominados na obra, intercalados por 25 capítulos que correspondem à história. O epílogo e o prólogo são facilmente identificados porque são grafados em itálico. Eles definem o momento da narração, sendo elucidativa disso a seguinte afirmação: “*Sento-me aqui nessa sala vazia e relembro*”. Já os 25 capítulos correspondem no geral ao plano da história passada, ainda que neles sejam percebidas interferências do tempo em que o narrador conta a história. Cabe ressaltar que parte do epílogo se refere também ao tempo da história, ainda que predomine a referência ao momento da narração. O início do tempo da escritura é marcado, nesse epílogo, pela repetição da mesma frase que inicia o prólogo: “*Sento-me aqui nessa sala e relembro*”. A alusão ao tempo da escritura é sinalizada no texto pela presença de dêiticos como, por exemplo, “aqui”, “agora”, “daqui”, que remetem a uma determinada localização espaço-temporal. Essa identificação ainda é feita através de verbos como “recordo”, “relembro”, “conto”, vocábulos recorrentes nessas passagens.

Na narrativa, ocorre uma mistura entre esses dois planos temporais, que poderiam ser facilmente identificáveis se o narrador empregasse os tempos verbais do presente, referindo-se ao momento da escritura, e os tempos verbais do passado, referindo-se à história contada. Entretanto, essa distinção não ocorre na construção da narrativa, como exemplifica o trecho a seguir que corresponde à chegada de Alberto a Évora:

Pelas nove da manha desse dia de Setembro cheguei enfim à estação de Évora. Nos meus membros espessos, no crânio embrutecido, trago ainda o peso de uma noite de viagem. Um moço de fretes abeira-se de mim, ergue a pala do boné [...] com passinhos curtos, anda como se tivesse dores de bexiga (FERREIRA, 1980)

A primeira oração é escrita no tempo passado, na sequência, há o uso de verbos no presente, empregados, entretanto, para narrar algo que já aconteceu. Já no momento do seu encontro com o senhor Machado, dono da pensão onde iria se instalar em Évora, o narrador volta a empregar os verbos no passado, logo depois empregando-os novamente no presente, quando relembra um passado ainda mais remoto:

O Sr. Machado olhou-me, cumprimentou e por fim concentrou-se. Toda a sua massa varonil teve um toque de retraimento, como um arrepio de vergonha [...] Cerrei as portadas da janela e estendi-me sobre a cama à procura do sono. Mas os olhos ardiam-me com uma espertina viva e só pude recordar. Eis que se me levanta de novo a imagem de meu pai, caído de braços pobre a mesa, ao jantar, dias antes de eu partir [...] Ouço de novo no meu quarto a buzina metálica do seu carro, berrando para todo o pátio com espalhafato. (FERREIRA, 1980)

As mudanças de tempos verbais percebidas nesse primeiro capítulo irão se repetir ao longo de toda narrativa. Para se referir ao tempo da ação, há o emprego de verbos no presente e verbos no passado; para organizar os acontecimentos, são feitas analepses que retomam acontecimentos ainda mais remotos, relativos à infância e adolescência do narrador protagonista, e há também prolepses, indicando fatos que ainda não aconteceram em determinado momento da história.

É possível explicar a recorrência ao presente para contar uma história passada, porque, ao lembrar, o narrador recria e revive determinadas situações e sensações que ficaram marcadas na sua memória. Essa fusão do presente no passado faz com que o narrador se reinvente e viva o presente com toda sua intensidade, sem, entretanto, estar desvinculado do passado que lhe é inerente. Essa fusão é facilitada pelo fato de o

narrador ser também o protagonista, o que inclusive torna a narrativa mais intensa e vibrante.

Com relação às antecipações na narrativa, destaca-se aquela ligada a Sofia, a filha do Dr. Moura, amigo de Alberto em Évora.

Á luz do meu Inverno, eis que te lembro no teu corpo esguio, no teu olhar ácido de pecado... Domingos de Primavera pelos campos, noites quentes de Verão no Alto de São Bento, a planície banhada de uma lua enorme. E tu voltada para o céu, cantando, cantando: Ai... Ai, ai, ai, ai!
Ouço nas vísceras o teu canto ardente, iluminando de loucura. Os céus estremeciam à anunciação da tua divindade. Os teus olhos vivos, Sofia, a tua face tão jovem tinham o mistério da vitória e do desastre, da violência do sangue. Canta! Que mais há na tua vida que o canto, a angústia do teu grito contra os céus desabitados? (FERREIRA, 1980)

O trecho acima constitui uma antecipação na história, uma vez que o narrador-protagonista Alberto narra algo que irá acontecer depois no tempo da ação. No instante em que Alberto faz esse comentário sobre a personagem Sofia, ela ainda não foi apresentada na história, portanto não se sabe nada sobre ela, senão aquilo que Alberto antecipa de modo sucinto: a relação entre eles, a vida conturbada da personagem e o prenúncio de seu final trágico. As antecipações são recorrentes na narrativa, visto que o narrador-protagonista está relatando a história distanciado temporalmente dela, já possuindo, então, o conhecimento de todos os fatos.

As reflexões, divagações de Alberto também são fruto, em parte, desse distanciamento temporal. Dessa forma

O primeiro fato que se põe é que com Vergílio Ferreira se rompe a ideia de tempos estanques, passado, presente, futuro. O que ocorre é uma síntese temporal em que o passado desaparece como tal, pois a todo o momento, ele aparece como integrante do presente, do estar sendo, no vir-a-ser, pois o que foi instante de iluminação, de aparição de milagre, não pode morrer e portanto não está integrado no chamado passado. São realidades vivas, constantes, presentes [...] se o passado subsiste como realidade cronológica, no plano psicológico ele desaparece ou não tem sentido, para dar lugar a um presente contínuo que não deve morrer, pois morreria com ele o futuro. (DECIO, 1977)

Com relação ao futuro, o mesmo autor afirma

E compreender esse futuro é entender o homem não na expectativa do que pode realizar, mas num constante estar-sendo e num eterno vir-a-ser que é o ir fazendo. Depreende-se o valor do ser na superação da contingência do tempo histórico para se atingir a transcendência, no plano intemporal, através da ação continua e ininterrupta. (DECIO, 1977)

Nesse sentido, ressalta-se o vai-e-vem temporal empregado no romance, bem como o entrecruzamento do tempo da ação com o da recordação, demonstrando uma vivência subjetiva do tempo.

3- Considerações finais

Em *Aparição*, de Vergílio Ferreira, a problemática do tempo é uma questão central. O fato de a narrativa estar construída em primeira pessoa contribui para a relativização do tempo, já que tudo é projetado a partir da personagem e de seu mundo interior, mais precisamente do seu tempo psicológico. A fusão dos tempos encontra sua base na filosofia existencialista, que prega a busca da descoberta e da comunhão do ser consigo mesmo, num constante estar-sendo no plano presente, mas de forma alguma desvinculado dos pontos de referência do seu passado, como afirma Alberto, registrados na memória e que emergem, avivados por alguma sensação ou lembrança, sendo revividos em toda sua intensidade. Já o futuro, assim como o passado, também não existe em si mesmo, mas somente no momento presente, em forma de projeção, uma vez que o futuro representa a morte inevitável e a incompletude de qualquer projeto.

Os filósofos de tendência existencialista, em geral, negam a existência de Deus, sua força criadora e destrutiva, assim como a continuidade da vida após a morte. Incorporando essa ideia, o protagonista do romance precisa encontrar uma resposta para *o absurdo da vida e a inverossimilhança da morte*. Essa resposta, de certa forma, está presente no romance por meio da ideia de tempo cíclico. Isso porque, num ciclo, o começo e o fim não estão definidos, ou o fim é um novo recomeço. Com isso, a morte, tão assustadora para Alberto, não seria mais o nada, o fim de tudo. Esse pensamento é corroborado pela constante evocação que o protagonista faz dos ecos de uma memória muito antiga, presente nos sons do passado, mas também nas ruínas, nas construções materiais das casas, nas ruas. Essas memórias são como sombras de um passado que não deixou de existir, pois os seres humanos ainda vivem e ainda as guardam mesmo inconscientemente.

4- Referências bibliográficas

BERRINI, Beatriz. "*Aparição*" de Vergílio Ferreira- *Breve Estudo*. Revista Littera-Janeiro/Abril, Ano II. Rio de Janeiro, 1972.

DECIO, João. *Vergílio Ferreira: a ficção e o ensaio*. São Paulo: Século XXI, 1977.

FEREIRA, Vergílio. *Aparição*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.

LIND, Georg Rudolf. *Constantes na obra narrativa de Vergílio Ferreira*. Revista Colóquio Letras, n. 90, 1986.

MOREIRAL, Lúcia da Cruz cordeiro. *Indizível tessitura de tudo: A problemática do tempo em Aparição, de Vergílio Ferreira*. Revista Crioula, n. 3, 2008
Disponível em <http://scholar.google.com.br/scholar?cites>. Acesso em: 05 de julho 2010.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto e Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.